

O Comitê Editorial da Revista Contexto e Educação ao estimular a publicação de artigos com enfoques temáticos específicos, abriu espaço para a organização deste número sobre a *Teoria da Complexidade: um olhar multidisciplinar*. Os artigos aqui publicados visam a explicitar alguns dos princípios do paradigma da complexidade, promover a discussão sobre as interfaces da teoria da complexidade com as demais áreas do saber e apresentar perspectivas de soluções inovadoras tendo como pano de fundo a teoria, o paradigma, a lógica, o método, o pensamento, enfim, a racionalidade complexa.

A partir de meados do século XX muitos estudiosos e pesquisadores passaram a aceitar a complexidade como uma dimensão inerente à realidade e a qualquer fenômeno e, portanto, como algo presente desde a gênese do universo. O real é ontológica e fenomenologicamente complexo. As ciências, na ânsia de compreendê-lo, promoveram análises simplificadoras. Nesse sentido, a complexidade não é e nem pode ser entendida como um fenômeno evolutivo recente e original. O que, de certa forma, surge como uma novidade é o reconhecimento da complexidade pela comunidade científica como mais uma perspectiva a ser considerada nos espaços especulativos. De tal forma que, segundo alguns pesquisadores, já se pode vislumbrar uma “ciência da complexidade”.

Uma vez aceita como uma propriedade inescapável a todos os fenômenos biofísicos e sociais torna-se imperioso, em decorrência, constituir uma matriz paradigmática com pressupostos epistemológicos condizentes e com caráter transdisciplinar que possibilitem a apreensão e a compreensão dessa complexidade.

Tornou-se imprescindível, antes de tudo, repensar as matrizes paradigmáticas de acessar e de assimilar o legado cultural produzido pela humanidade, bem como de conceber os processos de pesquisa, de ensino-aprendizagem e, sobretudo, dos princípios organizativos de produção de conhecimentos novos. É próprio da espécie humana descobrir e acrescentar sempre outras racionalidades que possibilitem apreender, compreender e repensar o real para além

dos visores tradicionalmente existentes. Sem dúvida, os processos e produtos do conhecimento, validamente postos e aceitos no contexto atual, parecem ser ainda muito marcados pela simplificação e instrumentalização, o que, por certo, produz de um lado, verdades irrefutáveis e dogmáticas e, de outro maior fecundidade tecnológica e industrial.

Estudiosos e arautos da teoria da complexidade, dentre eles Edgar Morin, preocupam-se em demonstrar que não basta constatar a complexidade inerente ao real, mas acentuam que, tão importante quanto perceber ou dar-se conta da constituição complexa da realidade é conceber instrumentos e categorias lógicas que possam captar tal complexidade. Não pretendem instituir um fundamento do real, mas descortinar alguns princípios organizadores do conhecimento que permitam compreender a complexidade inerente a esse real.

Convém estar alerta, porém, no sentido de que, assim como ocorre com outros paradigmas, há que se relativizar, igualmente, a teoria da complexidade pela sua incapacidade de conceber as diferentes lógicas de compreensão do real. Por isso, mais que uma resposta, ela se apresenta como mais um desafio que pretende decodificar e compreender os segredos do mundo pela superação da metafísica da ordem. As novas abordagens e descobertas põem em crise as formulações do pensamento newtoniano-cartesiano, uma vez que este não mais está conseguindo dar respostas satisfatórias às lógicas diversas que brotam do real que, em sua essência é dialógico, polilógico e, até mesmo, translógico.

A percepção do mundo torna-se possível por meio de visores paradigmáticos que permitem analisar, interpretar e compreender os fenômenos e o real em si. O conhecimento que o homem tem sobre o mundo é sempre resultado e resultante da sua forma de compreendê-lo. Em certo sentido, conhecer significa construir e reconstruir as formas de percepção do mundo. Essas formas são afetadas e podem sofrer mudanças e transformações ao longo da história da produção do conhecimento humano, tanto em sua forma coletiva como na individualizada. Por isso, o conhecimento é sempre algo recorrente, provisório e dinâmico.

Desde o período moderno a forma paradigmática ocidental predominante de conhecer o real foi dominada por princípios simplificadores, resultantes de uma compreensão linear, redutiva e disjuntiva do real. Este pensamento simplificador mutila e desintegra a dimensão complexa do real. Por isso, adverte Morin, é necessário civilizar o pensamento.

A teoria da complexidade ao promover o desenvolvimento do pensamento complexo pode despertar-nos para uma tomada de consciência sobre os recortes mutilantes que o conhecimento opera ao dialogar com o real. Esse é o grande problema que a epistemologia complexa se propõe a solucionar: integrar, religar, fazer comunicar as instâncias e esferas separadas do conhecimento. É desta forma que entendemos que a teoria da complexidade pode promover um novo olhar investigativo para a produção do conhecimento tanto na pesquisa como na própria ciência.

Sem dúvida, a atual crise de solidariedade, de catástrofes ecológicas, de cidadania planetária, dos processos formativos e de produção de conhecimentos pertinentes, tem forte relação com a ausência de paradigma ou paradigmas ético-político-epistemológicos que possam promover novas formas intra-históricas de produção da ciência, de emancipação da humanidade e de processos formativos emancipatórios. Para tanto, é necessário repensar a substancialidade teórica da própria pesquisa tendo o discernimento necessário para não submetê-la a enfoques de paradigmas em estágio de crise e que já não correspondem às necessidades postas pelos tempos atuais. Nesse sentido os conceitos, os princípios e as teorias aplicadas quando se tem em vista compreender a realidade continuariam sendo limitados e limitadores, a serviço de uma razão técnico-instrumental, redutivista, disjuntivista e, portanto, simplificadora. Neste caso, a pesquisa funcionaria como um endosso aos paradigmas vigentes e não como uma mediação para a compreensão e transformação da realidade presente.

Com esta iniciativa espera-se dar início a um interessante debate nos meios acadêmicos sobre a teoria, o fenômeno, o paradigma da complexidade, investigando seus mais importantes princípios e categorias, as potencialidades que ele representa em termos de uma nova matriz paradigmática de conhecimento e, por conseqüência, seus desdobramentos nos diferentes campos da realidade e do co-

nhecimento humano. Com o debate busca-se colocar à disposição dos estudiosos uma oportunidade para refletir sobre alguns tópicos: o que se pode compreender por complexidade? Como e por que a complexidade vem assumindo cânones de uma teoria? Quais as possibilidades de sua aplicação na pesquisa e na construção de conhecimentos? Qual a sua contribuição original em termos de olhar investigativo na pesquisa e nas ciências em geral?

Essas e outras são apenas algumas das muitas interrogações que o tema suscita e sobre as quais esta publicação de caráter monotemático busca contribuir com algumas reflexões.

*Celso José Martinazzo*

Pelo Comitê Editorial